

AVL

Academia Volta-redondense de Letras

ABDICAÇÃO DE LATICÍNIO

Crônica

Rodrigo Hallvys - 2021

Sabe-se que há uma tendência da espécie humana em criar expectativas quanto à satisfação de suas vontades e concretização de suas ideias. E talvez um caminho para isso seja organizar - em planejamentos e cronogramas - os detalhes, trajetos, atitudes e decisões para o alcance de tais metas.

Não obstante, fazemos isso diariamente para com nossos compromissos. Uma simples sequência que exige administrar o tempo entre o despertar até ir cumprir a agenda matutina fora de casa nos faz passar por uma pré-definida gama de afazeres.

Pois bem. E quando você almeja ter um fim de semana impecável? Com descanso, sem os aborrecimentos diários, as preocupações profissionais, as decepções pessoais e as responsabilidades que lhe sugam até a última gota de energia emocional.

Sexta-feira de feriado. Daqueles de Independência do Brasil. Você, assim como a data sugere, se sente livre de tudo o que lhe incomoda. O máximo de preocupação seria encontrar a estrada cheia e levar mais tempo para chegar ao local de destino.

Edna assim estava. Feliz. Com sorriso estampado de tal modo que parecia querer mostrar os sisos que não lhe precisaram ser arrancados. Talvez ela até agradecia também por tal situação, mesmo sendo uma hábil devoradora de sorvetes até alguns anos atrás. Mostrava o citado sorriso como se o houvesse amarrado na nuca. Estava feliz! Afinal, era feriado! O ex-marido, que felizmente era ex - já que o casamento lhe foi uma experiência tão enfadonha que chegou ao ponto de compreender o divórcio como livramento - estava com a guarda dos dois filhos naquele "feriadão" e ela estava por conta de ter um fim de semana para si mesma.

As unhas já estavam feitas no dia anterior. Os castanhos cabelos estavam lavados e soltos, como se tivessem vida própria. Em verdade sempre estavam com vida própria, mas com humor próprio tão arredio que mexiam também com o humor de Edna. Mas nada disso seria motivo de aborrecimento naquele fim de semana.

Ela pega as bolsas, arrumadas sem necessidade de cuidados e preocupação, pois até nisso ela estava decidida a ser livre. Arrumou-as de qualquer jeito. Colocou no banco traseiro de seu

fusquinha amarelo bem estilo anos setenta. Um veículo o qual ela considerava patrimônio da família, deixado pelo pai como herança pelo amor que ela tinha para com o veículo. Daqueles que faz mais barulho do que anda. Era o grande amor da vida de Edna. Nunca recebeu repintura. Era amarelo desbotado, com cheiro de óleo vazando e com o cano de descarga que balançava como se estivesse querendo sensualizar. Os estofados sim eram impecáveis. Tudo de couro sintético, claro! Edna é vegana. E é algo que merece muito respeito, pois ela tem consideração para com qualquer vida que esboça sofrimento e dor.

Pegou sua última bolsa (obviamente cheia de ingredientes compostos por folhas e leguminosas) e pôs sobre todas as outras para não amassar seu conteúdo. Fechou a porta. Deu a volta no "Quindim" - apelido que deu ao fusca na adolescência - sentou no banco do motorista, fechou a porta, ajustou o banco e os retrovisores. Parou perante o retrovisor do interior do carro e se apreciou por alguns segundos. Sua autoestima estava bem posicionada, iluminada. E os cabelos ali, livres, como pássaros ao céu em um dia sem nuvens. O batom mantinha-se nos lábios como se houvesse nascido com ele.

Cinto de segurança, chave na ignição, barulho de trovoada (do fusca sendo ligado), explosões (também do fusca), marcha ré, sai da garagem. Clica-se no controle do portão automático quando já estivera alcançado a rua e vai em direção ao paraíso.

O céu estava mais azul do que o costume. O capim à beira da estrada estava mais verde, dançando em mais perfeita coreografia ditada pelo som do vento. O braço esquerdo sobre a janela aberta, fazendo a mão sentir aquele vento gostoso. A mão direita firme no volante. Ela não precisava passar a marcha já que estava em uma longa parte da estrada que o limite máximo era de setenta quilômetros.

Edna estava livre. O som do vento batendo nas sacolas que estavam no banco traseiro era como música para ela. Esse som! Ah, esse som que edificava seu estado de espírito em liberdade.

Opa! Mas espera aí! A sacola de cima está com vegetais e saiu do lugar. Dá-se seta, encosta o veículo, solta-se o cinto de segurança e arruma-se a sacola de forma que a mesma não fuja pela outra janela. Pronto! De volta ao foco no paraíso que em breve receberia a presença de Edna.

Liga o carro. Nova trovoada e explosões. Dá seta, olha no retrovisor. Nenhum movimento, nem de espírito desencarnado. Sai do acostamento e continua a viagem.

O Quindim não possuía aparelho de som. E daí? Edna estava feliz a cantar. E que repertório! De Moraes Moreira à Anitta. Ela mexia seu quadril sobre o banco de couro como se estivesse em uma pista de baile 'funk'. Imaginou-se até como artista em filmagem de seu videoclipe em uma paisagem natural. Detalhe que ela também

murmurou sons onomatopaicos no melhor estilo Enya durante uma parte da viagem porque queria deixar claro para si mesma o quanto estava em plenitude e calma. Parecia ter saído de uma sessão de esoterismo, ou até mesmo de hipnose. Mas como ela estava consciente de sua tranquilidade, pode ter sido de uma sessão de psicologia maiêutica onde ela tenha recebido alta. Cantou... e cantou e cantou... todas as belezas de um eterno aprendiz.

Cantou mesmo! Elogiou freneticamente até os cupinzeiros que apareciam a alguma proximidade de parte da estrada.

Mas para onde exatamente Edna estava indo?

Para o lugar onde desde cedo sentia que era seu santuário. Onde, também, recebeu a notícia que o Quindim lhe havia sido deixado de presente pelo pai.

Sai com o veículo da estrada de asfalto, adentrando em uma estreita estrada de chão. Agora sim parecia que ela estava indo à alguma cartomante, pois as mais antigas dentre tais mulheres leitoras de cartas parecem nunca morar perto da cidade - haja combustível para ir até elas - e local era um tanto quanto distante das esgotantes energias da cidade.

A tal altura do dia, umas três da tarde, Edna já teria almoçado. Mas estava em um nível tão pleno de seu sensorial que parecia como suas amigas transportadas nas sacolas ajustadas durante a viagem. Parecia estar vivendo de fotossíntese. Ou de jejum intermitente, mas como ela estava procurando ser tranquila como as plantas, consideremos a primeira alternativa.

Após passar pela última colina, avistou-se a porteira do santuário de paz. E não era o santuário de paz do imaginário humano perante as escrituras sagradas. Era o santuário de paz da Edna! Sim! Dela! Por ela! Para ela!

Era o sítio da família, que muito o frequentara quando sua infância e, depois, foi sendo menos visitado em prol da vida profissional e do lamentável e falido matrimônio.

Parou o Quindim. Desceu do amarelinho e foi lá abrir a porteira. É como se estivesse abrindo a Porta da Esperança do antigo programa do Silvio Santos e se deparando com o prêmio máximo idealizado naquela atração transmitida pelas tardes dominicais. Muitas vezes assistido junto aos pais e irmãos no próprio santuário durante suas férias escolares.

E o Quindim entra no território com a leveza de uma bola de pelo rolando por uma rua deserta. A porteira? Ficou aberta. Era local de paz e não precisava se preocupar com mais nada. Parou-se o veículo em um local que parecia ser definido para isso em toda a história do sítio. Abre-se novamente a porta do automóvel sem pressa. Os cabelos - agora em formato da mais estonteante montanha russa do mundo por conta do vento à janela durante toda a

trajetória em movimento - é arrumado de qualquer jeito para a franja não atingir os olhos.

Sacolas são resgatadas e levadas para o interior da casa, que ia se iluminando com o abrir de janelas e cortinas.

Bolsa com poucas roupas colocada sobre uma poltrona que ficava no quarto principal, janelas sendo abertas, uma leve arrumada na cama que logo mais seria utilizada e depois direto para a cozinha com a sacola de alimentos naturais. O jejum é intermitente! Não de sacrifício e nem de promessa religiosa.

Panelas recebem água da torneira para perderem seus sabores de guardadas nos velhos e descascados armários de metal. Daqueles armários vermelhos, com puxadores quadrados e que não combinam com a mesa dobrável amarela - acompanhada por quatro tamboretas de mesma cor - e a geladeira azul desbotado. Essa de 'design' um tanto arredondado.

A família tinha um gosto eclético para decoração? Não! Ali era um lugar para não se preocupar com nada. Nem com a estética. Era um santuário passado de geração para geração. E isso era como uma linhagem cultural.

Os talheres, cada um também com cabo de uma cor (isso quando ainda possuíam cabo) também foram lavados. Os vegetais preparados. O fogão, que por sua vez era bege, aceso e recebendo a panela de vegetais picados que seriam um ótimo caldo para aquela noite fria do início de setembro.

Ah, mas nem sempre há frio no feriado de Independência do Brasil!

Não interessa! Naquele ano fazia frio e Edna queria tomar caldo de legumes, ué! Deixemos a mulher em paz, afinal era exatamente em paz que ela queria estar. Sem pressa alguma para nada. Nem para chegar ao fim de um texto que pudesse ser lido.

Aquele vento com aroma de roça, trazendo até o cheiro do esterco produzido por Cremosa - a guerreira vaca do sítio - que parecia uma versão bovina de Matusalém, já que demonstrava não querer deixar o mundo terrestre dentro da média comum de sua espécie.

Cremosa havia parido várias vezes. Era vistosa, de um pelo lindo. A danada tinha franja! Cílios como se fossem postiços. Era carinhosa. Piscava como se quisesse lhe seduzir. Comia seu capim com classe e caminhava pelo vasto terreno do sítio com sedução ao esbanjar o próprio quadril. Sedução essa que fez Edna rir ao se dar conta que devia estar fazendo movimentos semelhantes ao "dançar" enquanto estava sentada no banco do Quindim, guiando em direção ao sítio.

Caldo pronto. Rede pendurada e utilizada após um período sentada na cadeira de balanço enquanto esperava a refeição alcançar a textura estimada.

Ali Edna já não se lembrava de como era cansativa sua vida. Ela é uma guerreira. É professora! Professora de Língua Portuguesa, a qual é utilizada diariamente em nossas vidas e que vem sendo cada vez mais desvalorizada por seu próprio público. Edna é daquelas professoras que amam o que faz, mas que não tentam esconder como está cansativo ser desrespeitado por alunos e, principalmente, pelos pais deles. Sem contar pelos próprios colegas de profissão. Cá entre nós, parece que o reduto onde menos se tem educação para falar com o ser humano é na área de Educação. Quanta grosseria! Quanta transferência de frustração vemos no cotidiano por parte de colegas da área de Educação.

Contudo, Edna sequer estava lembrando disso. Estava ali na rede, com a perna direita para cima e a esquerda no chão, balançando bem lentamente para não derramar o delicioso caldo que estava na velha e trincada cumbuca. Daquelas de cerâmica pintada de marrom, sabe?

Não há pressa alguma para nada.

O estado de plenitude era tal que, mesmo Edna detestando tomar banho frio, não resmungou muito quando foi tomar o seu e percebeu que a fiação do chuveiro estava danificada. Aqueceu a água? Coisa alguma! Foi ali mesmo, nua, cantarolando embaixo d'água como se fosse uma sereia feliz por ter seduzido mais um marinheiro. Ou nem isso! Uma sereia tão emponderada que não precisava de figura masculina aliada a si mesma para sentir alguma plenitude.

Lavou a montanha russa esculpida ao vento da janela do Quindim e esfregou seu corpo com amor. Sim! Amor próprio. Amor por aquele corpo que não era mais jovial e, por isso mesmo, era a clara característica de como ela era uma pessoa cheia de experiência e superação na vida. Superação de desapontamentos emocionais e enfermidades.

Fechou-se a torneira do chuveiro. Puxou a toalha e, com o mesmo amor, secou seu corpo. Um cuidado ainda mais especial aos pés, admirando o esmalte clarinho que havia sido posto em suas unhas no dia anterior.

Vestiu sua roupa íntima. Só a calcinha! Ficar sem sutiã é libertador! Colocou seu roupão e foi pegar um livro que havia encontrado na biblioteca da escola. O livro não possuía capa, folha de apresentação ou até mesmo página de registro. Não havia prefácio. Havia ali apenas os capítulos. Exatamente isso que despertou a curiosidade de Edna! Que livro seria aquele, gente? Sobre o que? Escrito por quem? Quando? Para quê? Onde?

Perguntas que não a incomodavam, apenas a estimulavam a querer saber o que havia no conteúdo de suas páginas, que eram muitas e poderiam recheiar todo o seu tempo de estadia no santuário naquele 'feriadão'.

Sentou-se em meio à cama, encostou-se confortavelmente na cabeceira da mesma, entre os travesseiros - que já haviam recebido troca de fronha - e começou a ler.

O som da pequenina cachoeira que percorria a lateral do sítio contribuía como trilha sonora para a calma. Os outros sons eram espalhados pelo terreno através de grilos, de sapos coaxando e da Cremosa, que continuava a desfilar como uma musa pelos arredores da casa, buscando mais capim (afinal, o corpo da bicha precisa ter como base uma alimentação equilibrada, rica em fibras vegetais também, não é?).

- Que livro delicioso! - sussurrou Edna. Ainda sem entender quem era quem e o que na décima página.

Parecia ser de mistério e, embora recheado de parágrafos com detalhes que talvez não tenham diretamente a ver com o que virá no final, era interessante de se ler e acompanhar. De alguma forma parecia causar curiosidade ainda maior em Edna.

É sábado!!! Oi? Como assim?

Sim! Violeta, a galinha que era transgênero não binário - como falava Edna por ela assumir a atitude de cacarejo matutino - começou a cantar! A ave era tão independente que assumiu o posto culturalmente conhecido, que deveria ser ocupado pelo preguiçoso galo Edmundo.

Violeta cacarejava tão alto às nove da manhã que levantava-se a suspeita de ela o faze-lo por estar revoltada com Edmundo, por esse não levantar às seis para dar seu "berro de galo". E detalhe. Violeta e Edmundo brigavam como casal mesmo. Bem no estilo que havia sido a vida de Edna com Jeremias (o ex-marido). Edna, em momentos de desabafo, buscou Violeta para conversar e, por vezes, se viu dando conselhos para a bicuda largar o companheiro. Mas sabe-se lá o porquê não fazia. Há casais que se acomodam na realidade de 'antes mal acompanhado do que sozinho'. Relacionamento abusivo não parecia ser (ao menos em forma de violência ou ameaça), pois Edmundo era tão preguiçoso que nem para isso se dispunha. Era mais fácil Violeta ser a agressiva daquela - literalmente - penosa relação.

-Puxa vida, Violeta! Não lhe vi ontem! Você é pontual. Nove horas da manhã. Estou com a cara amarrotada. E as páginas do livro também. Dormi sobre ele! - ri, pegando o amassado objeto e o reposicionando na cama.

Edna dormira como um anjo - Não vamos dizer pedra porque ela estava leve - como não dormia há anos. Para uma precisão ainda maior, desde que descobriu-se grávida (através dos famosos enjoos) de seu primeiro filho.

Avista-se um porta-retratos antigo. Com imagem da família. Pais que já não estão em terreno físico. O irmão que mora na Europa e já casou umas cinco vezes. A irmã caçula, também falecida

há algum tempo em um triste acidente de carro junto ao marido. E a outra irmã, que mora em outro estado com a esposa há alguns anos e que, depois de tanto tempo sendo taxada como "ovelha negra da família" foi quem mais cuidou dos pais até suas desmaterializações.

Eram todos tão felizes na foto. Os quatro filhos ainda crianças e os pais ainda um casal com uma vida toda ativa. Pais exemplares. Dedicados a trabalho em prol dos estudos dos filhos. Era amor. Aquele amor que diz se importar com o futuro, mas não sabendo se está preparado para o que tal futuro reserva. Incondicional? Já não importa mais se era ou não. Para Edna o que importa neste momento é a sensação boa que tem ao estar com aquele porta-retratos nas mãos. Da nostalgia ao escorrer de lágrimas, com gratidão por toda história vivida.

- O que fazer neste sábado? Não planejei nada! Eu apenas quis vir para cá. Mas também não vou passar o dia inteiro deitada com o pobre livro desencapado nas mãos - falou, se tocando que a conversa voltara a ser com Violeta. Riu!

A geniosa galinha até demonstrava estar interessada na fala de Edna. Eram confidentes. De segredo mesmo. Ao menos Edna nunca soube de Violeta ter espalhado seus desabafos pela vizinhança. Até porque Violeta era um exemplo de ética e respeito. Não falava mal de qualquer pessoa que seja. Não fazia críticas. Exceto a Edmundo. Daí eram muitas até. Mas era ética! Neste quesito, todo mundo deveria ser galinha!

Edna vai à cozinha buscar água no filtro de barro, objeto digno de qualquer sítio "raiz" e percebe que há pouca água. Inclusive percebe que já está na hora de fazer a manutenção de sua vela. Mas que tal não aconteceria naquele sábado se não estivesse disposta. Não queria ter trabalho. Resolveu buscar água na bica da mina. Pegou uma vasilha que havia na geladeira. Jogou o restante de água que lá estava. Lavou o interior do objeto e saiu da casa em direção à bica.

Lembrou-se do caminhar de mãos dadas aos filhos, quando ainda pequenos, no trajeto que estava percorrendo.

-Como estão os meninos? Será que o "Jerê"? Está cuidando deles direito? - questionou-se. Balançando a cabeça em seguida, em sinal de reprovação, por perceber que ainda chama o ex pelo carinhoso apelido.

Mas não se deixou criar preocupações. Ele não foi um bom marido, mas sempre foi um bom pai. Então estava tudo bem com o Jerê e os meninos. Um foco por vez e o foco do momento era buscar água apropriada para consumo.

Água na grande vasilha (uma leiteira que há anos era utilizada apenas para se armazenar água para beber). No caminho de retorno à casa, que é até bem próxima à mina, avista-se, à esquerda, uma parte do riacho que vem da cachoeira. Água

cristalina, como se nunca houvesse sido tocada pelas destruidoras mãos da espécie humana.

Edna desvia brevemente seus passos em direção à beira do riacho. Chegando ao ponto escolhido, vê peixes e vem a leveza do relaxar de sua musculatura facial ao sentir o vento tocar sua pele. Que paz! Como são necessários momentos de silêncio para se concentrar e atingir tal paz. Nem do medicamento para melhorar a respiração Edna lembrou no dia anterior à noite.

E não pareceu ser apenas por viver em uma cidade extremamente poluída. Talvez sua bronquite possa ter a ver com sua imunidade estar baixa, por estímulo provindo de estresse no qual vivia. Estado esse que o indivíduo humano mergulha sem perceber.

Retorno à casa para beber água. Já devem ser quase dez da manhã, a sede está aumentando a partir da temperatura do sol, que está ficando um tanto mais intensa. A única que parece não se incomodar com a temperatura é a Cremosa que, onipresente, parece acompanhar Edna como um protetor guarda-costas, mesmo mantendo-se a uma determinada distância. Sempre elegante, desfilando seu largo traseiro sem pressa.

Água consumida! Panela verificada. Ainda possui bastante caldo. Não é preciso incrementá-lo.

-Vou lavar a vela, sim! Sabe Deus quando terei outra oportunidade para isso e não comprei uma nova. Podre ela não precisa ficar - sussurrou para a amiga Violeta, atenta e bem posicionada ao parapeito da janela.

Prende-se a montanha russa. Arregaça-se as mangas da camisa que foi posta junto com uma bermuda antes de ir buscar água na bica. Roupas velhas, dessas que são escolhidas para ficar em casa mesmo.

Vela lavada, filtro no lugar. Vasilhas retiradas do armário. A empolgação tomou conta de Edna, que passa seu tempo em meio a pensamentos que lhe fazem lembrar com carinho e orgulho de toda sua história de vida. Pensamento esse que é interrompido por um inesperado som, que a faz voltar para o presente.

Era o estômago de Edna. Dezessete horas. O sol avisando que logo se poria. Edna não viu a hora passar e não havia esquentado o caldo para almoçar. Decidiu terminar de colocar rapidamente as vasilhas já secas no armário e acender o fogão para o caldo esquentar enquanto ela tomaria um rápido banho - novamente gelado - para curtir mais uma parte do livro após se alimentar.

Não houve rede nem cadeira de balanço. Foi um ato direto e reto! Quando se deu conta, já estava novamente na mesma posição da noite anterior, lendo o indigente livro.

-Foi bom ter dado um trato na cozinha. Amanhã será dia de voltar pra casa e não quero ter afazeres. As coisas já estavam muito tempo guardadas. Precisavam de uma lavagem e de respirar um

pouco - pensou, justificando para si mesma o tempo que passou sem perceber.

Durante a leitura Edna mudou de posição diversas vezes. Parecia não piscar. Queria entender o que estava acontecendo no decorrer da estória ali escrita e ainda indagou se era 'estória' ou 'história', por não conseguir perceber detalhes que seriam ou não contundentes de veridicidade.

Violeta está gritando novamente! Como grita essa galinha, gente! Mas já são nove hora da manhã de domingo. Edna dormira de novo. Assim as folhas do livro não aguentam. Estão sendo amarrotadas pelo corpo de sua voraz e curiosa leitora.

É domingo. O dia está com céu aberto e a temperatura baixinha. Edna decide que não vai pegar estrada cedo. Lembra de que precisa tomar o restante do caldo que ainda havia na panela - parecia estar em dieta de baixíssima caloria por ter se alimentado tão pouco - e, ao avistar novamente o já citado porta-retrato, decidiu procurar a bolsa térmica branca estranhamente escolhida para armazenar fotografias antigas. daquelas fotografias que a gente olha e morre de vergonha dos cortes de cabelo e figurinos já utilizados. daquelas maquiagens cheias de 'rouge' nas bochechas e pessoas com vestidos cintilantes e com ombreiras.

-Misericórdia! - disparou, rindo enquanto reparava tais detalhes em algumas das fotografias.

Um dos tais registros fotográficos continha, em seu já amarelado papel de revelação, uma imagem do Ralf. O cachorrinho que pertencia à sua querida e doce avó. Como ele foi esquecido após ser tão ótimo amigo e companheiro na infância? Era engraçado como ele e Cremosa não se davam bem. Em verdade ele que implicava com a grandona. Ela mesma nem atenção para ele dava. Olhava calmamente para ele enquanto o mesmo rosnavava e latia. Até dava umas piscadelas achando que o conquistaria. Mas ele, notoriamente por ciúme de atenção - ou querendo marcar ilusória propriedade de terreno - continuava a rosnavar e latir.

Mais uma lágrima vem. E outra. Seguida de mais e mais. Era saudade do Ralf. Saudade da vó. Não só por suas receitas deliciosas. Mas por ela se sentar a seu lado quando sentia que Edna estava triste por alguma coisa. Por pegar em sua mão e dizer quando também a menina estava errada e orienta-la para que pedisse desculpas aos pais por alguma atitude equivocada que havia sido tomada. Era saudade daquele tempo que não volta mais e que deixou como lembrança o último abraço, que tanto não queria que assim o fosse.

Seca-se as lágrimas. Organiza-se as fotografias por ordem cronológica. Sim! Um hábito de Edna que a faz ficar incomodada porque ela detesta desorganização.

Saudade dos pais. Do Ralf. Da avó. Da irmã caçula. Do cunhado. Dos irmãos que estão longe. Dos amigos da infância.

Gente! E os tios? E os primos? Cadê todo mundo na vida de Edna? O que aconteceu?

Acontece que Edna começou a se dedicar tanto ao seu projeto pessoal de vida que foi, assim como praticamente todos fazem, deixando parte de sua história se esvaír com o tempo. O esforço que se faz para ir a um velório prestar sua última homenagem - e acaba reunindo a todos - poderia ser o mesmo para encontros ainda em vida! Poderia?

O fato é que a saudade tomou conta de Edna, que apenas percebeu que já estava na hora de voltar para a vida que escolheu quando novamente o estômago roncou naquele fim de domingo. Apressou-se então em guardar as fotografias. Em tomar o caldo (que foi consumido frio mesmo) e lavar panela, cumbuca e talheres para guardar. Em fechar janelas e cortinas. Em falar "Tchau" para Violeta pela janela da cozinha antes de essa ser fechada.

Decidiu levar a bolsa com fotografias para a cidade, no objetivo de fazer as lembranças se manterem mais presente no pensamento antes de ser novamente escravizada pela vida cotidiana que levara.

Casa já trancada. Cadê a Cremosa? Cremosa!? Deve estar pastando longe. Já escureceu e a estrada não é bem iluminada. Entra-se no Quindim. Tudo ajeitado. Trovoadas e explosões que avisam sobre a despedida do local. Passa-se pela porteira. Para-se. Fecha-a. Novamente Quindim em movimento. Estrada muito escura. Farol aceso e muita cautela, mesmo dirigindo em uma velocidade maior para não chegar em hora muito avançada na cidade. Atenção na estrada. Na estrada. Na estrada. Na estrada!

Súbito um vulto aparece pela esquerda. Edna tenta repentinamente jogar o carro para a direita, entrando pelo matagal. E mesmo assim um barulho ecoa na imensidão em meio a uma colisão de forte impacto ao Quindim! Coitado do Quindim!!! Ficou com o capô, a porta do motorista e o para-brisa quebrados. Um prejuízo que custou mais de três mil reais do salário de professora de Edna que, na tarde de segunda-feira, dentro da sala dos professores, contava seu caso para os colegas de profissão.

-Só faltou a Cremosa cair sentada no banco do carona e ficar passeando enquanto olha para todo mundo e dizendo "Mu!".

Gargalhadas ecoaram pelo corredor onde ficava a sala.

-E sabem o que é o mais triste? Todo mundo para quem estou contando pergunta: 'Mas e aí? A vaca morreu? Machucou?'... Poxa, gente! Ninguém se preocupou se eu tinha me machucado ou como estava o estado do Quindim! Só com a bendita Cremosa!

Mais gargalhadas. Afinal, mesmo para quem era vegana, naquele momento de raiva Edna esquecera de se preocupar com a "amiga-moçoila" da outra espécie.

E a cremosa? Continua guerreira! Viva! Mas já não desfila o traseiro com a mesma sedução após o acidente. Manca um pouco, coitada!
